



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

MARIANNA STELLA GARCIA MAGESTY DA COSTA

**A vivência da sexualidade na deficiência: uma revisão  
bibliográfica.**

BRASÍLIA  
2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA

MARIANNA STELLA GARCIA MAGESTY DA COSTA

**A vivência da sexualidade na deficiência:  
uma revisão bibliográfica.**

Trabalho de conclusão de curso Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Caroline de Oliveira Alves

BRASÍLIA  
2018

MARIANNA STELLA GARCIA MAGESTY DA COSTA

**A vivência da sexualidade na deficiência: uma revisão bibliográfica.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia como  
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em  
Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Caroline de Oliveira Alves

Orientador(a)

---

Prof<sup>a</sup> Flavia Mazitelli de Oliveira

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília, 03 de Dezembro de 2018

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pois sem ele nada disso seria possível.

Aos meus pais Mario e Marice, por todo amor, dedicação e incentivo, por todo o tempo destinado a minha educação, por ser o meu alicerce, e por todas as coisas que me fizeram chegar ate aqui.

Ao meu esposo Leandro por toda paciência, companhia e incentivo, que me deram forças para acreditar em meu potencial.

A minha terapeuta Terezinha Santana, por me incentivar, cobrar e mostrar que eu conseguiria e precisava atingir esse objetivo.

Aos meus professores, em especial a minha orientadora Caroline Alves, por sua disponibilidade, disposição, boa vontade e dedicação, que foram fatores determinantes para a construção deste trabalho.

E por fim aos meus amigos, que me apoiaram e torceram pelo meu sucesso.

A todos o meu muito obrigada!

## Resumo

**Introdução:** A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano regada de descobertas e mudanças, a sexualidade está diretamente ligada a essa fase, tanto por suas mudanças hormonais a partir da puberdade, como das implicações sociais e culturais que a envolvem. Para o deficiente não é diferente, a sexualidade começa a se desenvolver nessa fase, porém muitas vezes este é infantilizado ou taxado como um indivíduo assexuado, ou ainda incapaz de desempenhar esse papel na sociedade.

**Objetivos:** realizar um levantamento na literatura nacional sobre a vivência da sexualidade na vida do deficiente adolescente e jovem adulto. **Metodologia:** O trabalho se trata de uma revisão de literatura narrativa, com abordagem qualitativa de estudos científicos disponíveis na língua portuguesa, que tem como enfoque principal a vivência de adolescentes e jovens adultos com deficiência sobre a sexualidade neste período do seu desenvolvimento. Os artigos foram selecionados a partir das bases de dados SciELO e BVS.

**Resultados e discussão:** A partir da busca nas bases de dados foram encontrados ao todo 65 artigos. Dentre os 65 artigos houve duplicidade de 15 artigos. A partir da leitura do resumo desses artigos foram pré-selecionados 16 estudos. Foi feita então a leitura na íntegra dos artigos pré-selecionados e, a partir daí foram por fim selecionados 11 artigos que se encaixavam nos critérios de inclusão. Os artigos foram separados em quatro categorias sendo elas: 1- Super proteção/ interferência da família; 2- estigmatização do deficiente frente à sexualidade; 3- o corpo como objeto/ estratégia de desejo/ sedução; 4- educação sexual. **Considerações finais:** A partir da leitura dos estudos encontrados conclui-se que, o assunto abordado é de grande importância, mas ainda existem poucos estudos na literatura nacional voltados para o tema. É importante ressaltar que, apesar de atualmente os preconceitos e estigmas estarem cada vez mais sendo derrubados, ainda existe uma grande parcela da população que não enxerga os deficientes como seres capazes de levar uma vida normal e com isso acabam acarretando grandes problemas no convívio social desses indivíduos, o que acarreta em grandes questões envolvendo a sua auto-aceitação como sendo capaz de desempenhar determinados papéis na sociedade, e um deles é o papel da sexualidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Adolescentes, Pessoas com deficiência.

## **Abstract**

**Introduction:** Adolescence is a phase of human development watered by discoveries and changes; sexuality is directly linked to this phase, both for its hormonal changes from puberty and the social and cultural implications that involve it. For the handicapped is no different, sexuality begins to develop at this period, but often they are infantilized or taxed as asexual individuals, or even unable to play that role in the society. **Objectives:** to carry out a research in the national literature on the experience of sexuality in the life of the disabled adolescent and young adult. **Methodology:** The work is a review of narrative literature, with a qualitative approach of scientific studies available in the Portuguese language, whose main focus is the experience on sexuality of adolescents and young adults with disabilities in this period of development. The articles were selected from the SciELO and VHL (Virtual Health Library) databases. **Results and discussion:** From the database search, 65 articles were found. Among the 65 articles, there was duplicity of 15 articles. From the reading of the summary of these articles, 16 studies were pre-selected. The pre-selected articles were then read in full, and from that point 11 articles were finally selected that fit the inclusion criteria. The articles were separated into four categories: 1- Super protection / family interference; 2 - stigmatization of the disabled in the face of sexuality; 3- the body as object / strategy of desire / seduction; 4 - sexual education. **Final considerations:** From the reading of the studies found, it is concluded that the subject is of great importance, but there are still few studies in the national literature focused on the topic. It is important to emphasize, even though prejudice and stigmas are increasingly being overthrown, there is still a large portion of the population that does not see the disabled as beings capable of leading a normal life and, as result, ends up causing great problems in the social life of these individuals, which result in major issues involving their self-acceptance as being able to play certain roles in society, and one of these is the role of sexuality.

**Key-words:** Sexuality, Adolescent, disabled persons.

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>8.</b>
<b>2. Metodologia .....</b>	<b>10.</b>
<b>3. Resultados e Discussão .....</b>	<b>11.</b>
<b>3.1. Tabela 1 .....</b>	<b>11.</b>
<b>3.2. Tabela 2 .....</b>	<b>14.</b>
<b>3.3. Tabela 3 .....</b>	<b>17.</b>
<b>3.4. Tabela 4 .....</b>	<b>18.</b>
<b>3.5. Superproteção/ interferência da família .....</b>	<b>20.</b>
<b>3.6. Estigmatização do deficiente frente à sexualidade .....</b>	<b>22.</b>
<b>3.7. O corpo como objeto/ estratégia de desejo/ sedução .....</b>	<b>23.</b>
<b>3.8. Educação sexual .....</b>	<b>24.</b>
<b>4. Conclusão .....</b>	<b>26.</b>
<b>5. Referencias bibliográficas .....</b>	<b>27.</b>

## INTRODUÇÃO

A adolescência é uma das fases mais confusas do desenvolvimento humano, existem muitas questões novas para lidar. É a partir da adolescência que se iniciam a maioria das responsabilidades, é uma fase de grandes descobertas em vários aspectos. Uma das grandes descobertas dessa fase é o próprio corpo, tanto no desenvolvimento biológico, na puberdade, que é um grande marco para os adolescentes, quanto do convívio social. Uma das questões que surgem a partir do convívio social nessa fase, é a sexualidade, que é afluída nesse momento. Nesta fase a sexualidade é um dos assuntos mais abordados por esses jovens. (CANO, FERRIANI E GOMES, 2000)

Osorio (1992) traz o adolecer como algo complexo e não é possível ser estudado por uma única esfera, e sim levando em conta todos os aspectos, sendo eles biológicos sociais e/ ou psicológicos. Assim “a sexualidade é, sobretudo, um elemento estruturador da identidade do adolescente. E essa função estruturante é, em grande parte, realizada através da representação mental que o adolescente tem de seu corpo, ou seja, através de sua imagem corporal.” (OSORIO, 1992, p. 15).

O conceito de sexualidade é muito amplo, e ao mesmo tempo complexo. Para Beartozoti (1993) o conceito de sexualidade vai depender de que ponto de vista o mesmo será avaliado. Do ponto de vista da psicologia? Da antropologia? Para a psicologia esse conceito dependerá ainda de que escola será considerada. Com base em estudos realizados na perspectiva da psicanálise freudiana, da sexualidade humana, o autor chegou ao seguinte conceito:

Sexualidade é energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação.  
(BEARZOTI, 1993, p. 5)

A sexualidade é um direito e uma necessidade de todo ser humano, sendo ele deficiente ou não. Acontece que para o deficiente essa sexualidade muitas vezes é proibida, devido a toda uma história de estigmatização da pessoa com deficiência, onde os mesmos são, em grande parte, infantilizados pelos familiares e outrem. Considerando que ainda no século XXI este assunto é um grande tabu e, quase sempre, polêmico.



Para Maia e Ribeiro (2010) o conceito de sexualidade ultrapassa a questão da genitalidade, pois abrangem contextos culturais, sociais, costumes diversos, sentimentos, afeto, gênero, práticas sexuais, e não somente algo mecânico.

Segundo Maia e Ribeiro (2010) para a pessoa com deficiência a sexualidade também deve ser assegurada como um direito, sendo ele à saúde, à educação ou o de ir e vir. Levando em conta toda a influência do contexto social envolvido na sexualidade durante os anos, como a ideia de beleza, sensualidade, conquista e desempenho físico, assim como muitas outras atribuições, faz com que se crie uma imagem errônea de que o deficiente não possui sexualidade por não pertencer a esse padrão, e sendo assim, muitas vezes é privado desse direito.

Com isso, esse trabalho tem como objetivo realizar um levantamento de dados na literatura nacional acerca da vivência da sexualidade no deficiente adolescente e jovem adulto.

## **2. METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa de artigos científicos, disponíveis na língua portuguesa, que tem como enfoque a vivência sexual de adolescentes e jovens adultos com deficiência. É um estudo com abordagem qualitativa e com objetivo de realizar uma análise exploratória sobre o tema abordado.

Foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados: BVS (biblioteca virtual em saúde) e SciELO (A Scientific Electronic Library Online), e as mesmas foram escolhidas por motivos de confiabilidade e por serem fontes importantes de pesquisa científica na área de saúde.

A busca dos artigos foi realizada no mês de outubro de 2018. Foram utilizados como estratégia de pesquisa os descritores “disabled persons”AND sexuality na BVS, com os filtros: adolescente, jovem adulto, FEM/MAS e português. Na base de dados SciELO foram utilizados os descritores Deficiência AND sexualidade. Os critérios de inclusão foram: artigos que abordassem a sexualidade em adolescentes com algum tipo de deficiência e deficiências associadas. O critério de exclusão foi artigo de revisão.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca realizada nas duas bases de dados foram encontrados 34 artigos na base BVS e 31 artigos na base SciELO, totalizando 65 artigos (tabelas 1 e 2). Dentre os 65 artigos houve duplicidade de 15 artigos. A partir da leitura do resumo desses artigos foram pré-selecionados 16 artigos que cumpriam os pré-requisitos para a pesquisa.

#### 3.1. Tabela 1.

Nº	Titulo do artigo	Autor	Inclusão	Exclusão
1	Vulnerabilidade associada a infecções sexualmente transmissíveis em pessoas com deficiência física.	Aragão, Jamilly da Silva; França, Inacia Sátiro Xavier de; Coura, Alexsandro Silva; Medeiros, Carla Campos Muniz; Enders, Bertha Cruz.		O presente artigo não se trata da vivência dos adolescentes com deficiência sobre sexualidade.
2	Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma.	Soares, Ana Helena Rotta; Moreira, Martha Cristina Nunes; Monteiro, Lúcia Maria Costa.	X	
3	A sexualidade da pessoa com deficiência nas capas da revista sentidos: inclusão ou perpetuação do estigma.	Luiz, Karla Garcia; Nuernberg, Adriano Henrique.		O artigo não engloba a vivência do deficiente sobre sexualidade.
4	Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica.	Bastos, Olga Maria; Deslandes, Suely Ferreira.		O artigo trata-se de uma revisão bibliográfica.
5	Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida e/ou física ou sensorial: duplo fardo social	Sousa, Mónica José Abreu; Moleiro, Carla Marina Matos.	x	
6	Psicologia, sexualidade e deficiência: novas perspectivas em direitos humanos	Gesser, Marivete; Nuernberg, Adriano Henrique.		O artigo não engloba a vivencia do deficiente sobre sexualidade.
7	Psicologia, sexualidade e deficiência: novas perspectivas em direitos humanos	Gesser, Marivete; Nuernberg, Adriano Henrique.		REPETIDO.
8	Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma	Soares, Ana Helena Rotta; Moreira, Martha Cristina Nunes; Monteiro, Lúcia Maria Costa.		REPETIDO
9	Sexualidade e vulnerabilidade social em face das infecções sexualmente	Barbosa, Jaqueline Almeida Guimarães;	x	

	transmissíveis em pessoas com transtornos mentais.	Guimarães, Mark Drew Crosland; Freitas, Maria Imaculada de Fátima.		
<b>10</b>	Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais de adolescentes.	Bastos, Olga Maria.		Neste artigo a vivência da sexualidade é abordada pelos pais dos deficientes, não mostrando assim a vivência da sexualidade pelos olhos dos próprios deficientes.
<b>11</b>	Representações de profissionais da saúde mental sobre sexualidade de pessoas com transtornos mentais.	Souza, Marina Celly Martins Ribeiro de.		Este artigo aborda a visão de profissionais da área de saúde mental sobre a sexualidade dos deficientes e não a vivência dos deficientes sobre sexualidade.
<b>12</b>	A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida.	Silva, Luiz Carlos Avelino da; Albertini, Paulo.	x	
<b>13</b>	A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida.	Silva, Luiz Carlos Avelino da; Albertini, Paulo.		REPETIDO
<b>14</b>	Pessoa com deficiência: pesquisa sobre sexualidade e vulnerabilidade	Paula, Ana Rita de; Sodelli, Fernanda Guilardi; Faria, Gláucia; Gil, Marta; Regen, Mina; Meresman, Sérgio.		O foco do artigo é identificar a vulnerabilidade em pessoas com deficiências auditivas, visual e física ao HIV/Aids.
<b>15</b>	Pessoa com deficiência: pesquisa sobre sexualidade e vulnerabilidade	Paula, Ana Rita de; Sodelli, Fernanda Guilardi; Faria, Gláucia; Gil, Marta; Regen, Mina; Meresman, Sérgio.		REPETIDO
<b>16</b>	Representações de profissionais da saúde mental sobre sexualidade de pessoas com transtornos mentais.	Souza, Marina Celly Martins Ribeiro de.		REPETIDO
<b>17</b>	Relato de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias.	Maia, Ana Cláudia Bortolozzi; Camossa, Denise do Amaral.	x	
<b>18</b>	Educação preventiva em sexualidade, IST/Aids para o surdo através da pesquisa-ação.	Bento, Isabel Cristina Belasco.	x	
<b>19</b>	Corporalidade e sociabilidade: a internet e os jovens portadores de osteogênese imperfeita. (solicitar texto	Macedo, Aline Duque de.	x	

	completo ao autor)			
20	Saúde sexual e reprodutiva para surdos: apreciação de uma metodologia educativa	Sousa, Rosiléa Alves de; Pagliuca, Lorita Marlina Freitag.		O artigo não trás a vivencia do deficiente sobre sexualidade.
21	Saúde sexual e reprodutiva para surdos: apreciação de uma metodologia educativa	Sousa, Rosiléa Alves de; Pagliuca, Lorita Marlina Freitag.		REPETIDO
22	Saúde sexual e reprodutiva para surdos: apreciação de uma metodologia educativa	Sousa, Rosiléa Alves de; Pagliuca, Lorita Marlina Freitag.		REPETIDO
23	Relato de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias.	Maia, Ana Cláudia Bortolozzi; Camossa, Denise do Amaral.		REPETIDO
24	Educação em saúde como fator de participação da enfermeira na construção da cidadania do surdo: reflexão crítica	Sousa, Rosiléa Alves; Pagliuca, Lorita marlena Freitag.		O artigo não aborda a vivencia do deficiente sobre sexualidade
25	Educação em saúde como fator de participação da enfermeira na construção da cidadania do surdo: reflexão crítica	Sousa, Rosiléa Alves; Pagliuca, Lorita marlena Freitag.		REPETIDO
26	A função sexual em pacientes portadores de lesão medular	Spizzirri, Giancarlo.		O artigo não apresenta resumo para análise.
27	Sexualidade da deficiência mental: alguns aspectos para orientação de pais.	Ferreira, Solange Leme.		O artigo não aborda a vivencia do deficiente sobre a sexualidade.
28	Sexualidade e deficiência	Fróes, Maria Angela Vasconcelos.		O artigo não aborda a vivencia do deficiente sobre sexualidade.
29	Encontro marcado: o adolescente deficiente físico e as relações humanas (solicitar texto completo ao autor)	Vieira, Maria Cristina Vitti; Alves, Vera Lúcia Rodriguez.	x	
30	VI Inventário de pesquisas em DST/Aids	São Paulo (Cidade). Secretaria da Saúde. Programa Municipal de DST/Aids		O documento não apresenta resumo para análise.
31	Sexo para deficientes mentais: sexo e excepcional dependente e não dependente.	Lipp, Marilda Novaes.		O artigo não apresenta resumo para análise
32	Saúde sexual e reprodutiva para surdos: analise de um modelo educativo.	Sousa, Rosiléa Alves de.		O artigo não aborda a vivencia do deficiente sobre sexualidade.
33	Direitos sexuais e reprodutivos na integralidade da atenção a saúde de pessoas com deficiência	Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas.		O documento não apresenta resumo para análise.
	A afetividade e sexualidade na pessoa	Pan, José Ramón		O artigo não aborda a

34	portadora de deficiência mental.	Amor.		vivencia do deficiente sobre sexualidade.
----	----------------------------------	-------	--	---

### 3.2.Tabela 2 – SciELO

Nº	Título do artigo	Autor	Inclusão	Exclusão
1	Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida e/ou física ou sensorial: duplo fardo social	Sousa, Mónica José Abreu; Moleiro, Carla Marina Matos.		REPETIDO (BVS)
2	Psicologia, sexualidade e deficiência: novas perspectivas em direitos humanos	Gesser, Marivete; Nuernberg, Adriano Henrique.		O artigo não engloba a vivencia do deficiente sobre sexualidade.
3	Sexualidade e deficiência mental: revisando pesquisas.	PINHEIRO, Silvia Nara Siqueira		Trata-se de uma revisão.
4	Modelo de enfermagem baseado nas atividades de vida diária: adolescente diabética e deficiente visual.	BEZERRA, Camilla Pontes; PAGLIUCA, Lorita Marlina Freitag e GALVAO, Marli Teresinha Gimenez.		O artigo não apresenta nada relacionado a sexualidade e deficiência.
5	A sexualidade da pessoa com deficiência nas capas da revista sentidos: inclusão ou perpetuação do estigma.	Luiz, Karla Garcia; Nuernberg, Adriano Henrique.		O artigo não engloba a vivência do deficiente sobre sexualidade.
6	Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade	MOURA, Giovana Raquel de e PEDRO, Eva Néri Rubim.	x	
7	A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida.	Silva, Luiz Carlos Avelino da; Albertini, Paulo.		REPETIDO (BVS)
8	Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário	GARCIA, Agnaldo e SOUZA, Eloisio Moulin de.		O artigo foge ao tema deste estudo, não fala sobre a vivência de deficientes sobre sexualidade.
9	Desenvolvimento de tecnologia assistiva para o deficiente visual: utilização do preservativo masculino.	BARBOSA, Giselly Oseni Laurentino		O artigo foge ao tema deste estudo, não fala sobre a vivência de deficientes sobre sexualidade.
10	A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual.	BEZERRA, Camilla Pontes e PAGLIUCA, Lorita Marlina	x	

		Freitag.		
11	Levantamento Sistemático dos Focos de Estresse Parental em Cuidadores de Crianças com Síndrome de Down.	ROCHA, Danielle Souza da Paixão e SOUZA, Priscilla Bellard Mendes de		O artigo foge ao tema deste estudo, não fala sobre a vivência de deficientes sobre sexualidade.
12	Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento.	DANTAS, Taísa Caldas; SILVA, Jackeline Susann Souza e CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de	x	
13	Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais.	LITTIG, Patrícia Mattos Caldeira Brant; CARDIA, Daphne Rajab; REIS, Luciana Bicalho e FERRAO, Erika da Silva.		Neste artigo são relatadas a vivência das mães dos deficientes.
14	Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências.	MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi e RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal.		O artigo não apresenta a vivência dos deficientes sobre a sexualidade.
15	Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente.	LUIZ, Elaine Cristina e KUBO, Olga Mitsue.	x	
16	Orientação sexual para jovens adultos deficientes auditivos.	CURSINO, Helen Milene; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi e PALAMIN, Maria Estela Guadagnucci.		O artigo não apresenta a vivência dos deficientes sobre a sexualidade.
17	Corpo e outras (de)limitações sexuais: uma análise antropológica da revista <i>Sexuality and Disability</i> entre os anos de 1996 e 2006	MEINERZ, Nádia Elisa		O artigo não apresenta a vivência dos deficientes sobre a sexualidade.
18	Compreensão da sexualidade por jovens com diagnóstico de deficiência intelectual.	MORALES, Aida Souza e BATISTA, Cecília Guarnieri.	x	
19	Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais de adolescentes.	BASTOS, Olga Maria e DESLANDES, Suely Ferreira.		O estudo trás a vivência dos pais sobre o assunto e não a visão do próprio deficiente sobre a sexualidade.
20	Representações sociais da diferença: sexualidade e deficiência mental.	Venancio, Ana Teresa A.		O artigo não apresenta resumo para análise.

21	Relato de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias.	Maia, Ana Cláudia Bortolozzi; Camossa, Denise do Amaral.		REPETIDO (BVS)
22	A sexualidade nas adolescentes com epilepsia.	VINCENTIIS, Sílvia de	x	
23	Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e <i>performance</i> no esporte sob perspectiva crítica.	Camargo, Wagner Xavier and Kessler, Cláudia Samuel		O artigo não aborda a vivência de deficientes sobre a sexualidade.
24	Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual.	MAIA, Ana Claudia Bortolozzi et al.		O artigo aborda a visão de professores sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, e não a vivência dos deficientes sobre sexualidade.
25	Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde.	NICOLAU, Stella Maris; SCHRAIBER, Lilia Blima e AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita.	x	
26	Vulnerabilidade associada a infecções sexualmente transmissíveis em pessoas com deficiência física.	ARAGAO, Jamilly da Silva et al.		REPETIDO (BVS)
27	Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma.	SOARES, Ana Helena Rotta; MOREIRA, Martha Cristina Nunes e MONTEIRO, Lúcia Maria Costa		REPETIDO (BVS)
28	Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica.	BASTOS, Olga Maria e DESLANDES, Suely Ferreira.		REPETIDO (BVS)
29	A qualidade de vida de jovens portadores de espinha bífida do Children's National Medical Center – Washington DC.	SOARES, Ana Helena Rotta; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; MONTEIRO, Lúcia Maria Costa e POHL, Hans G..	X	
30	O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição.	Dadoorian, Diana.		O artigo não apresenta resumo para análise.
31	Insuficiência androgênica na mulher e potenciais riscos da reposição terapêutica.	LEAO, Lenora M.C.S.M.; DUARTE, Mônica P.C. e FARIAS, Maria Lucia F.		O artigo não aborda a vivencia de deficientes sobre sexualidade.



A partir da leitura na íntegra desses artigos (tabela 3), cinco não cumpriam os critérios de inclusão, sendo assim descartados. Após a seleção, 11 artigos foram analisados na perspectiva da análise temática, com a identificação dos eixos temáticos distribuídos em categorias. Os artigos foram distribuídos em quatro categorias: 1- Super proteção/interferência da família; 2- estigmatização do deficiente frente à sexualidade; 3- o corpo como objeto/ estratégia de desejo/ sedução; 4- educação sexual (tabela 4).

### 3.3.Tabela 3 – Artigos com leitura na íntegra

Nº	Título do artigo	Autores	Base de dados	Inclusão/exclusão
1	Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma.	Soares, Ana Helena Rotta; Moreira, Martha Cristina Nunes; Monteiro, Lúcia Maria Costa.	BVS	Incluso
2	Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida e/ou física ou sensorial: duplo fardo social	Sousa, Mónica José Abreu; Moleiro, Carla Marina Matos.	BVS	Os participantes do estudo tinham mais de 30 anos de idade, assim não se enquadrando no critério adolescente/jovem adulto.
3	A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida.	Silva, Luiz Carlos Avelino da; Albertini, Paulo.	BVS	Incluso
4	Relato de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias.	Maia, Ana Cláudia Bortolozzi; Camossa, Denise do Amaral.	BVS	Incluso
5	Educação preventiva em sexualidade, IST/Aids para o surdo através da pesquisa-ação.	Bento, Isabel Cristina Belasco.	BVS	Incluso
6	Corporalidade e sociabilidade: a internet e os jovens portadores de osteogênese imperfeita. (solicitar texto completo ao autor)	Macedo, Aline Duque de.	BVS	O estudo não trás a vivencia da sexualidade no deficiente.
7	Encontro marcado: o adolescente deficiente físico e as relações humanas (solicitar texto completo ao autor)	Vieira, Maria Cristina Vitti; Alves, Vera Lúcia Rodriguez.	BVS	Incluso
8	Sexualidade e vulnerabilidade social em face das infecções sexualmente transmissíveis em pessoas com transtornos mentais.	Barbosa, Jaqueline Almeida Guimarães; Guimarães, Mark Drew Crosland; Freitas, Maria Imaculada de Fátima.	BVS	O estudo foi realizado com adultos, como descrito na metodologia do mesmo, entre 18 e 72 anos, sendo a maioria com mais de 30 anos.

9	Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade	MOURA, Giovana Raquel de e PEDRO, Eva Néri Rubim.	SciELO	Incluso
10	A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual.	BEZERRA, Camilla Pontes e PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag.	SciELO	Incluso
11	Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento.	DANTAS, Taísa Caldas; SILVA, Jackeline Susann Souza e CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de	SciELO	O participante do artigo possui 32 anos, sendo assim não se enquadrando nas categorias adolescente/jovem adulto.
12	Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente.	LUIZ, Elaine Cristina e KUBO, Olga Mitsue.	SciELO	Incluso
13	Compreensão da sexualidade por jovens com diagnóstico de deficiência intelectual.	MORALES, Aida Souza e BATISTA, Cecília Guarnieri.	SciELO	Incluso
14	A sexualidade nas adolescentes com epilepsia.	VINCENTIIS, Sílvia de	SciELO	O artigo não trás a vivencia das adolescentes em relação a sexualidade.
15	Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde.	NICOLAU, Stella Maris; SCHRAIBER, Lilia Blima e AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita.	SciELO	Incluso *idade maior que 29 em grande parte da população avaliada.
16	A qualidade de vida de jovens portadores de espinha bífida do Children's National Medical Center – Washington DC.	SOARES, Ana Helena Rotta; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; MONTEIRO, Lúcia Maria Costa e POHL, Hans G..	SciELO	Incluso

#### 3.4. Tabela 4 – distribuição dos artigos nas categorias listadas.

Nº	Titulo do artigo	Autor	Categoria/ as
1	Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma.	Soares, Ana Helena Rotta; Moreira, Martha Cristina Nunes; Monteiro, Lúcia Maria Costa.	1,2,3.
3	A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida.	Silva, Luiz Carlos Avelino da; Albertini, Paulo.	2.
4	Relato de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias.	Maia, Ana Cláudia Bortolozzi; Camossa, Denise do Amaral.	2 e 4.

5	Educação preventiva em sexualidade, IST/Aids para o surdo através da pesquisa-ação.	Bento, Isabel Cristina Belasco.	4.
7	Encontro marcado: o adolescente deficiente físico e as relações humanas	Vieira, Maria Cristina Vitti; Alves, Vera Lúcia Rodriguez.	1, 3 e 4.
9	Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade	MOURA, Giovana Raquel de e PEDRO, Eva Néri Rubim.	1, 2 e 4
10	A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual.	BEZERRA, Camilla Pontes e PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag.	1, 2, e 4.
12	Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente.	LUIZ, Elaine Cristina e KUBO, Olga Mitsue.	1, 2.
13	Compreensão da sexualidade por jovens com diagnóstico de deficiência intelectual.	MORALES, Aida Souza e BATISTA, Cecília Guarnieri.	4.
15	Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde.	NICOLAU, Stella Maris; SCHRAIBER, Lilia Blima e AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita.	3.
16	A qualidade de vida de jovens portadores de espinha bífida do Children's National Medical Center – Washington DC.	SOARES, Ana Helena Rotta; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; MONTEIRO, Lúcia Maria Costa e POHL, Hans G..	1, 2 e 3.

Os onze artigos selecionados e analisados traziam diversas deficiências, adquiridas e congênitas. Desses artigos quatro falavam de deficiências físicas (SOARES, MOREIRA E MONTEIRO, 2008; SILVA E ALBERTINI, 2007; VIEIRA E ALVES, 2000; SOARES, *et. al.*, 2006) como por exemplo, espinha bífida e lesões medulares. Dois são sobre deficiência visual (MOURA E PEDRO, 2006; BEZERRA E PAGLIUCA, 2010), um sobre deficiência auditiva (BENTO, 2005), um sobre síndrome de Down (LUIZ E KUBO, 2007), um sobre deficiência mental (MAIA E CAMOSSA, 2003) e dois se referem a deficiências variadas (MORALES E BATISTA, 2010; NICHOLAU, SCHRAIBER E AYRES, 2006).

As amostras dos estudos são em sua grande maioria mistas, com participantes do sexo feminino e masculino. Dois artigos possuem uma amostra composta apenas por adolescentes do sexo feminino (BEZERRA E PAGLIUCA, 2010; NICHOLAU, SCHRAIBER E AYRES, 2013) e um artigo com amostra composta por um participante do sexo masculino (SILVA E ALBERTINI, 2007).

Os estudos trazem a vivência de adolescentes e jovens adultos sobre a sexualidade, sendo assim, a idade média dos participantes de todos os artigos analisados são entre 12 a 27 anos. Um dos estudos teve sua amostra composta de jovens adultos e adultos, entre 19 e 54 anos (NICHOLAU, SCHRAIBER E AYRES, 2013).

Pode-se perceber que existe uma predominância dos artigos analisados nas regiões Sul e Sudeste do país, sendo que dos artigos analisados apenas três não eram dessas regiões, sendo eles região nordeste (BEZERRA E PAGLIUCA, 2010), um realizado com adolescentes brasileiros e estadunidenses (SOARES, MOREIRA E MONTEIRO, 2008) e um realizado com adolescentes estadunidenses (SOARES, *et. al.*, 2006).

Os artigos foram analisados e distribuídos em quatro categorias: 1- Super proteção/ interferência da família; 2- estigmatização do deficiente frente à sexualidade; 3- o corpo como objeto/ estratégia de desejo/ sedução; 4- educação sexual. Após a leitura na íntegra os artigos foram distribuídos nas categorias, de acordo com a tabela a seguir.

### **3.5. Superproteção/ interferência da família**

A família tem um papel fundamental na evolução de qualquer indivíduo, com o papel de ensinar, doutrinar, educar, preparar para a vida, servir de exemplo, dentre muitos outros papéis importantes, um deles é ajudar a sanar as dúvidas que surgem ao longo da vida sobre assuntos diversos, sendo um deles a sexualidade. (BASTOS E DESLANDES, 2005)

Ainda para Bastos e Deslandes (2005) as dúvidas mais frequentes sobre a sexualidade, como um todo, costumam se iniciar junto com a puberdade, ou seja, ao adolecer. Quando essas dúvidas surgem em um indivíduo com alguma deficiência, seja ela qual for, a família tende a não sanar essas questões, por achar que o deficiente não está apto a desenvolver esse papel na sociedade. O adolescente com deficiência tende a ser infantilizado pela família, até como uma maneira de superproteção, por cuidado e até mesmo por despreparo desses pais para lidarem com esse assunto. (BASTOS E DESLANDES, 2005)

Transferir esse papel de informação sexual para outras pessoas é uma das formas mais fáceis de lidar com o assunto para uma parcela considerável dos pais, de forma geral, e isso não é diferente para os pais de pessoas com deficiência. Segundo Bezerra e Pagliuca (2010) muitas vezes esse papel é passado para primos, irmãos mais velhos e amigos, sendo abordado pelos pais apenas temas como gravidez, doenças e o quanto uma dessas coisas na adolescência pode ser prejudicial para o desenvolvimento da vida adulta deste indivíduo.

Os pais costumam ter muita dificuldade de lidar com a sexualidade dos filhos com deficiência, não sabem como abordar o tema e, muitas das vezes acabam não tocando no assunto e/ ou não sanando as dúvidas dos filhos, isso ocorre devido ao fato dos pais acharem que os mesmos não podem levar uma vida sexualmente ativa, que não conseguiriam se relacionar de forma afetiva, e até por medo que os mesmos não possam desempenhar esse papel e com isso sejam magoados por terceiros, sendo assim torna-se mais fácil evitar o assunto, com a ideia de que se o tema não for abordado os filhos não conheceriam, e assim não sentiriam necessidade de entender ou conhecer a sexualidade como um todo. (VIEIRA E ALVES, 2000)

Como citado por Soares, Moreira e Monteiro (2008) com a deficiência o indivíduo acaba se tornando dependente da família e a família por sua vez acredita que esse indivíduo “adoecido” dependerá sempre dos mesmos. A partir desse ponto cria-se um estigma de que esse deficiente não tem capacidade e nem a necessidade de relacionar-se amorosamente, e que o mesmo não usará seu corpo como forma de prazer e expressão. (SOARES, MOREIRA E MONTEIRO, 2008)

É percebido a partir da leitura dos artigos que os deficientes se sentem muito dependentes das famílias, que doutrinam os mesmos desde muito cedo para que pensem assim, e mesmo de forma implícita, demonstram achar que os filhos são seres assexuados e que não precisam de interações afetivo-sexuais. (MOURA E PEDRO, 2006; SOARES, et. al., 2006)

Mas em alguns casos, as famílias acabam entendendo que os filhos podem se relacionar amorosamente com outras pessoas. Para Luiz e Kubo (2007) a influência da família no aprendizado da sexualidade é algo muito importante, que atualmente é discutido com mais frequência e de forma menos vergonhosa. Sendo assim não é mais considerado um assunto proibido, mas ainda assim, tratado com cautela. Outra coisa observada pelos autores é que o nível socioeconômico da família, e conseqüentemente, dos deficientes, acabam se tornando um fator a ser considerado quando o assunto é a forma com que a família lida com esses assuntos, em seu estudo as famílias com maior poder aquisitivo obtiveram uma melhor reação a doutrinarem os filhos sobre sexualidade.

### **3.6. Estigmatização do deficiente frente à sexualidade**

Em toda a história, desde que o mundo conhece a deficiência, passou a existir a estigmatização desse indivíduo, de que ele não é normal, não é capaz de desempenhar nenhum papel sozinho, dentre eles também a sexualidade. A pessoa com deficiência, por muito tempo, foi vista como um ser assexuado, incapaz de desenvolver sua sexualidade devido a sua condição. (GLAT, 1992)

Para (SOARES, MOREIRA E MONTEIRO, 2008; SOARES et. Al., 2006) a estigmatização do deficiente, frente a sua deficiência, acaba atrapalhando o desenvolvimento desse indivíduo nos aspectos da aceitação do seu corpo e das suas possibilidades de relações. Alguns procedimentos que devem ser feitos devido à doença, como no caso desses estudos o cateterismo vesical, acabam interferindo na formação da sua autoimagem, e até na sua autonomia para a vida adulta. O deficiente estigmatizado acredita que não é possível fazer parte de uma relação afetivo-sexual devido as suas necessidades diferenciadas. Muitas vezes nem mesmo os familiares e profissionais de saúde responsáveis acreditam que o indivíduo pode desempenhar papéis sexuais devido as especificidades relacionadas a sua deficiência.

A visão de um corpo capaz de desempenhar papéis sexuais também depende de como o indivíduo entende esse papel, como o ele acha que esse papel é desempenhado por uma pessoa deficiência, que em grande parte das vezes é uma visão carregada de estigmas e conceitos desenvolvidos ao longo dos séculos. O estudo de Silva e Albertini (2007) apresenta a visão de uma pessoa sobre como é desempenhar os papéis sexuais enquanto não deficiente e em seguida, como um indivíduo deficiente. Para os autores, o próprio indivíduo precisa perceber e aceitar as suas particularidades para que esse papel seja entendido e aceito por ele mesmo e pelo parceiro escolhido.

O estudo de Maia e Camossa (2003) indica que os jovens com deficiência mental entendem o que é sexualidade, mas por falta de informação e de conhecimento, advindo da estigmatização de que esse indivíduo é incapaz de desempenhar esses papéis, os mesmos acabam realmente não os desempenhando. Os autores ainda abrem o questionamento de que, mesmo que os deficientes tenham capacidade de entendimento, a orientação referente à sexualidade não é concedida de forma adequada e nem esclarecedora.

Existe também o estigma de que deficientes mentais podem ter uma sexualidade exacerbada, que de acordo com a literatura e as crenças populares dizem sobre o jovem

com síndrome de Down, porém segundo o estudo dos autores Luiz e Cubo (2007) essa é uma ideia errônea, já que os mesmos possuem a capacidade de relacionar-se amorosamente e demonstrar comportamentos afetivos e de cuidado com o parceiro, e não exclusivamente o comportamento voltado para o ato sexual em si.

Nos estudos de Moura e Pedro (2006) e Bezerra e Pagliuca (2010) para o deficiente visual é difícil conhecer os padrões estéticos impostos pela sociedade, e com isso acabam desempenhando o papel que lhes é destinado, papel de indivíduo assexuado e sem desejo, atendendo assim as expectativas estigmatizadas pré-determinadas a essa população.

### **3.7.O corpo como objeto/ estratégia de desejo/ sedução**

Existem diferentes tipos de deficiência, sendo ela física, visual, auditiva, mental e intelectual. Em basicamente todas elas os indivíduos falam de suas inseguranças relacionadas ao seu corpo como objeto de desejo. Muitas vezes os deficientes fogem dos padrões impostos pela sociedade e com isso acabam sendo excluídos. Para (SOARES, MOURA E MONTEIRO, 2008; SOARTES at. Al., 2006) a autoestima está diretamente ligada ao processo de conquista, onde muitos indivíduos que não estão dentro dos padrões culturais impostos, acabam sendo excluídos por terceiros e se excluindo por receio de que os outros não sintam interesse para relacionamentos amorosos. Isso se dá devido ao processo de não aceitação do deficiente como um corpo capaz de despertar desejo, que está relacionado à como a sociedade entende esse indivíduo, que na maioria das vezes é como um indivíduo infantilizado e assexuado. Ainda para os autores, o convívio social com pessoas que reafirmam esses padrões impostos de beleza e conquista, que na atualidade tem se tornado cada vez mais comum, a busca pelo corpo perfeito, e a disseminação de que apenas quem está dentro dos padrões é interessante e pode conquistar o outro, acaba criando uma idealização de que o indivíduo deficiente não é adequado para desempenhar o papel de conquista e com isso não está apto a ter relações amorosas.

Ainda Vieira e Alves (2000) defendem que mesmo que existam evoluções em relação a como os deficientes físicos são percebidos na sociedade, com mais respeito o preconceito ainda está enraizado. Esse preconceito pode vir pela sociedade ou pelos próprios deficientes devido a doutrinação vinda de suas vivências.

A mulher com deficiência é sempre desacreditada, pela sociedade, de seus papéis sociais de mãe e esposa, de pessoa com desejos e vontades, e de pessoa com atributos suficientes para despertar atração por não seguirem um padrão de beleza imposto pela sociedade. (NICOLAU, SCHRAIBER E AYRES, 2013).

### **3.8. Educação sexual**

É possível perceber, a partir da leitura dos artigos, que os deficientes são por vezes lesados em relação ao aprendizado voltado para a sexualidade e para o reconhecimento do seu corpo, tanto de forma biológica/ física, como de forma simbólica.

Almeida e Centa (2009) trazem que a educação sexual que deveria ser iniciada em casa, muitas vezes é deixada de lado, por falta de interesse do paciente, por vergonha dos pais em abordarem determinado assunto, ou ainda por acharem que o adolescente ainda não está preparado para vivenciar sua sexualidade.

No estudo de Maia e Camossa (2003) foi identificado que o deficiente mental possui sim capacidade de aprendizado com temas relacionados a sexualidade como um todo, mas que esse assunto e por vezes privado ou é apenas escutado através da mídia, passadas de forma deturpada, abrindo assim o questionamento de porque esses jovens não são instruídos, de forma adequada, quando possuem capacidade para tal.

No estudo de Bento (2005) é possível perceber que os deficientes auditivos não recebem educação sexual adequada e que muitas das vezes isso acontece devido à dificuldade de comunicação com esses indivíduos. No estudo a maioria demonstra saber o que são as Infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e sabem sobre alguns métodos contraceptivos, mesmo não sabendo como utilizá-los de forma correta, mas não demonstram saber tanto sobre sexualidade em si, e também sobre o ato sexual propriamente dito, a não ser aqueles que já o praticaram. Com a falta de instrução esses indivíduos ficam mais suscetíveis a uma gravidez indesejada ou contaminação por infecções sexualmente transmissíveis.



A educação sexual não serve apenas para ensinar sobre gravidez e transmissão de IST's, mas também serve como forma de auxiliar na autonomia do indivíduo como ser que tem desejos e que pode realizá-los. Com a deficiência, os adolescentes acabam não fazendo parte de um desenvolvimento igual ao dos demais e com isso acabam sendo negligenciados no início do desenvolvimento de sua sexualidade. No momento das descobertas desse novo universo, eles acabam não tendo a vivência do aprendizado que, na maioria das vezes, se inicia dentro de casa e mais para frente no ambiente escolar e na comunidade. Os pais, muitas vezes, por acreditarem erroneamente que os filhos não poderão viver um relacionamento e as experiências do sexo devido a sua deficiência, acabam não os instruindo de forma adequada, aparentemente com a ideia de que estarão defendendo os mesmos de frustrações desnecessárias. (VIEIRA E ALVES, 2000)

(MOURA E PEDRO, 2006; BEZERRA E PAGLIUCA, 2010) Entendem a partir de seus estudos que, para os deficientes visuais a falta de educação sexual adequada já ultrapassa a barreira da simples falta de informação advinda dos pais ou do ambiente escolar. Esses deficientes não conseguem enxergar as mudanças biológicas através da visão, sendo assim, eles conhecem a teoria, mas a prática é bem diferente, a até de certa forma assustadora, principalmente na puberdade, onde basicamente todas as mudanças corporais se iniciam. Além disso, o deficiente visual aprende a partir da experimentação e do contato a partir do tato, e nessa fase a falta de informação pode acarretar gravidez indesejada e até infecção por IST's. No estudo de Moura e Pedro (2006) pode-se perceber que a maioria dos adolescentes sabe o que significam os métodos contraceptivos, mas por não se transmitir os conhecimentos de forma adequada, muitos não sabem usá-los e nem reconhecê-los.

O estudo de Morales e Batista (2010) demonstra que o deficiente intelectual tem sim capacidade para entender os temas desenvolvidos pela educação sexual, e também demonstram curiosidades a respeito dos temas. Observa-se que os mesmos trazem como bagagem muitos pré-conceitos relacionados a sexualidade como um todo, que quase sempre é disseminado pelo ciclo social em que os mesmos convivem. O estudo ainda traz como conclusão que, além de reduzirem as dúvidas relacionadas a sexualidade, também foram reduzidas as tentativas de sexo dentro do ambiente escolar, por esses adolescentes.

#### 4. CONCLUSÃO

Com a análise dos artigos é possível perceber que, a grande maioria dos estudos discutidos nesse trabalho, são predominantemente das regiões Sul e Sudeste, salvo duas exceções, o que nos traz o questionamento do porque as outras regiões do país não desenvolvem pesquisas com essa abordagem.

Identifica-se a importância do tema proposto, porém, os estudos são escassos nessa área, e são poucos os que estão disponíveis em língua portuguesa. Diante de todas as discussões relacionadas ao tema e da evolução dos conceitos e convicções frente a população, é possível perceber que ainda existe muito preconceito com os deficientes quando o assunto é a sexualidade, relacionamentos amorosos, a constituição de uma família e a educação sexual para esses indivíduos.

A partir do presente estudo, se pode concluir que, em todas as deficiências citadas nos estudos abordados nessa revisão, a família tem forte influência na infantilização do deficiente, tornando assim mais complexa a fase da descoberta da sexualidade e a concretização da mesma. Os profissionais da saúde e da educação precisam estar mais preparados para passar conhecimento e lidar com um tema tão importante e tão comum nos dias de hoje, afinal em grande parte das vezes esses profissionais, junto à família, são o alicerce para o amadurecimento desses indivíduos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. **A família e a educação sexual dos filhos, implicações para a enfermagem.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 22, nº 1. São Paulo, Janeiro/ Fevereiro 2009.

BARBOSA, J. A. G.; GUIMARÃES, M. D. C.; FREITAS, M. I. F. **Sexualidade e vulnerabilidade social em face as infecções sexualmente transmissíveis em pessoas com transtornos mentais.** Revista Medica de Minas Gerais, v.22, nº. 4, p. 455-461, 2013.

BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. **Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica.** Ciência e Saúde Coletiva, v. 10, nº 2, p. 289-397, 2005.

BEARZOTI, Paulo. Sexualidade, um conceito psicanalítico freudiano. Neuropediatra. Campinas SP – Brasil. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24>> Acesso em: 01 de Outubro de 2018.

BENTO, Isabela Cristina Belasco. **Educação preventiva em sexualidade, IST/Aids para o surdo através da pesquisa ação.** 2005. 104 p- tese (doutorado). Escola de enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2005.

BEZERRA, Camilla Pontes; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. **A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual.** Revista da escola de enfermagem da USP. V. 44, nº 3, p.578 – 83. 2010.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M.das G.C. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico.** Rev.latinoam.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

DANTAS, Taísa Calda; SILVA, Jackeline Suasann Souza; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: Uma história feminina de rupturas e empoderamento.** Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, v. 20, nº4, p. 555-568. Outubro – Dezembro, 2014.

LUIZ, Elaine Cristina; KUBO, Olga Misture. **Percepções de jovens com síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 13, nº 2, p. 219-238, Maio – Agosto, 2007.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; CAMOSSA, Denise do Amaral. **Relatos de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias.** Paidéia, v.12, nº 24, p.205-214, 2003.

MAIA, Ana Claudia Bartolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.16, n.2, p.159-176, Mai.-Ago, 2010.

MORALES, Aínda Souza; BATISTA, Cecília Guarnieri. **Compreensão da sexualidade por jovens com diagnóstico de deficiência intelectual.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Brasileira, v. 26, nº 2, p. 2345-244, Abril – Junho, 2010.

MOURA, Giovana Raquel de; PEDRO, Evanéri Rubim. **Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade.** Revista latino-americana de enfermagem, v. 1, nº 2, p. 220-6. Março-Abril, 2006.

NICOLAU, Stella Maris; SCHAIBER, Lilia Blima; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 18, nº 3, p. 863-872, 2013.

OSÓRIO, L.C. Adolescente hoje. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. \*

SILVA, Luiz Carlos Avelino; ALBERTINI, Paulo. **A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida.** Revista do Departamento de Psicologia – UFF, v. 19, nº 1, p. 37-48, Janeiro – Junho, 2007.

SOARES, Ana Helena Rotta, et. al. **A qualidade de vida de jovens portadores de espinha bífida do children's National Medical Center – whashington DC.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 11, nº 3, p. 817-826, 2006.

SOARES, Ana Helena Rotta; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; MONTEIRO, Lucia Maria Costa. **Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estima.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, nº 1, p. 185 – 194. Janeiro de 2008.

SOUZA, Mónica José Abreu; MOLEIRO, Carla Marina Matos. **Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo fardo social.** Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latino-Americana. Nº 20, p. 72-90. Agosto 2015.

VIEIRA, Maria Cristina Vitti; ALVES, Vera Lúcia Rodrigues. **Encontro marcado: o adolescente deficiente físico e as relações humanas.** In: 1º Congresso Brasileiro da Federação Latino-Americana de Psiquiatria da infância e adolescência. 1,2 e 3 de Maio de 1988, São Paulo. Acta Fisiátrica, v. 7, nº 1, p. 9-12, 2000.

VINCENTIIS, Silva de; et. al. **A sexualidade nas adolescentes com epilepsia.** Journal of Eplepsy and Clinical Neurophysiology. V. 13, nº 3, p. 103-107, 2007.